



As Realidades da Guerra

Ten. Cel. ARMANDO VASCONCELOS

A guerra no realismo trágico de seu desenrolar, põe a lume um certo numero de ensinamentos práticos que convencem pela sanção dos fatos.

É assim que, cada novo conflito, qualquer que seja a extensão de seu quadro e os meios postos em ação, deve ser considerado sempre, pelos responsáveis no destino dos povos, como um verdadeiro campo de experimentação das novas idéas e tendências porque, sendo êle um fenomeno social, pode acarretar consequências mais ou menos ponderáveis e duradouras que precisam ser investigadas e bem compreendidas.

Assim tem acontecido em todos os tempos e, com mais forte razão, no cenário da guerra total.

Vem a pêlo, a esta altura, uma advertência quanto a maneira de estudá-las.

Como sóe acontecer, há sempre, no dizer de um acaudado mestre, 3 fases distintas a considerar no estudo de uma campanha, seja qual fôr o fim que se tenha em vista:

- os antecedentes do conflito;
- o desenrolar dos acontecimentos verificados;
- as consequências do conflito.

No exame dos antecedentes, é preciso fixar as verdadeiras idéias que presidiram a sua preparação e o ambiente nacional, de cada um dos contendores, no momento de sua deflagração.

Os acontecimentos desenrolados durante o conflito são descritos de modos diversos e portanto, suscetíveis de deformação segundo a fonte que os descreve. Para o seu estudo e conclusões, pois, faz-se indispensavel que se estabeleça previamente a identidade da documentação alusiva para, em seguida, se poder classificá-la.

Admitamos que ela possa ser feita em:

- documentos fidedignos: Boletins e comunicados de guerra, diários de campanha, relatórios oficiais, partes de combates, arquivo de operações;
- documentos informativos: Noticiários de guerra, serviços de propaganda, publicações diversas de observadores autorizados.
- documentos especulativos: Bibliografia dos Chefes militares combatentes; bibliografia sobre as campanhas desenroladas após o conflito.

Essa classificação evidentemente obedece ao critério de idoneidade da documentação utilizada.

Os documentos informativos e especulativos, refletem naturalmente pontos de vista pessoais e são susceptíveis de muita imaginação. O pesquisador, portanto, precisa ser objetivo e não perder de vista o realismo das situações examinadas para que seu trabalho possa ser proveitoso e imparcial.

As consequências de uma guerra são mais fáceis de enumerar, se se enquadra nêsse programa de estudos e se se podem conhecer as condições de paz firmada e os atos decorrentes.

Então, convém estar advertido de que, para se poder chegar a conclusões satisfatórias sobre os acontecimentos de uma guerra, ha necessidade de se saber discernir o real do imaginoso e não perder de vista o essencial do supérfluo e subjetivo.

Hoje é corrente ouvir-se dizer com certa semcerimônia “no tereno militar tudo se modificou com o atual conflito sobre a Arte da Guerra, tornando-se letra morta os princípios, métodos e preceitos regulamentares que consubstanciavam a doutrina de guerra”. Cuidado! “O inimigo está escutando!...” Se formos desinteressados veremos que a realidade não é bem esta. Na guerra cada caso é particular e não deve ser generalizado; a geografia, o homem e a técnica são os fatores característicos e distintivos a considerar.

Parece muito cedo ainda para aceitarmos certas conclusões apressadas, sem a madura reflexão da documentação oficial e o exame dos fatores determinantes dos acontecimentos sensacionais do 1.º período da 2.ª Grande Guerra.

que, em 1940, levaram a heróica França à mais estonteante derrota de todos os tempos, apesar de sua longa experiência e capacidade militar e industrial, mas não deve ser esquecido que, em 1942, no 2.º período, ficou marcado decisivamente o início da derrocada dos "predestinados" mestres da guerra, discípulos inexcedíveis de Clausewitz, e Schlieffen, que tiveram que ceder deante da tenacidade dos russos e dos ingleses em El Allamem, situação que viu consolidar-se definitivamente em 1943 com a atuação magnífica dos americanos, ingleses e dos próprios franceses nas campanhas da África, da Sicília e do continente europeu.

Desfez-se, assim, a lenda de invencibilidade dos guerreiros de uma "raça superior", com estrepitosa repercussão sobre seus satélites e avassalados.

É que, em verdade, os princípios da guerra e os métodos para sua conduta são permanentes e imutáveis, conforme nos assevera o Gen. Arthur Boucher em seu belo livro "Les lois éternelles de la guerre", de 1922 em que afirma que "a arte da guerra existe desde 23 séculos".

E não podia deixar de ser assim.

Ouçamos a propósito, o Comandante F. O. Mikshe, do exército chéco, através de seu interessante livro "A guerra relampago", cuja leitura tem despertado tanto entusiasmo em nosso meio pelos dados que proporciona.

Diz ele: "Todos os condutores da guerra aprenderam com seus antecessores: Carlos II, com Alexandre o Grande; Napoleão com Frederico o Grande; Foch com Napoleão; etc. etc."

Karl von Clausewitz, reconhecendo essa verdade assevera que quanto mais penetramos no estudo da história da conduta da guerra, tanto menos úteis serão para nós os pormenores, porque as formas de ataque e os métodos das batalhas mudam sempre com a evolução da técnica. Assim é que Napoleão deve ter-se inspirado com Alexandre o Grande sobre as idéias gerais de **velocidade** e **concentração** e pormemorizado de seus conhecimentos com os ensinamentos de Frederico, porem seu grande mérito consiste em ter organizado a tática tendo em vista um emprego justo de seus meios".

E por pensar assim, acrescenta Mikshe: "A guerra relampago resulta, na sua idéia fundamental, de todas as doutrinas teóricas alemãs sobre a guerra. Von Schlieffen difundi pelos alemães o imenso respeito que tinha pela vitória dos cartagineses em Cannes, no ano de 216 A.C.", e adianta: "Os alemães permaneceram leais a estas doutrinas e

aplicaram no campo de batalha os ensinamentos de Clausewitz de modo ainda mais total do que Ludendorff pôde ter concebido em seu livro — A guerra total — o qual, na realidade, é uma exposição moderna das teorias de Clausewitz’

Por isso, não é para estranhar que os grandes capitães, para vencerem o inimigo, em todos os tempos tiveram que recorrer à ofensiva como modo de ação capaz de destruí-lo — objetivo supremo de todas as guerras.

O êxito dessa ofensiva, analogamente sempre se baseou em 3 fatores principais:

- velocidade
- surpresa
- superioridade de meios.

No entanto, com o concurso ponderável e eficiente da técnica industrial moderna, a importância relativa de cada um desses fatores ficou caracterizada pelo emprego judicioso e intensivo do motor e das transmissões radioelétricas.

Com esses novos meios, o Comandante fica habilitado a acionar nas 3 dimensões os mais destruidores engenhos e obter a coexistência daqueles 3 fatores no campo de batalha mercê de uma “técnica de emprego” adequada e racional função das novas possibilidades. Em qualquer época a concepção de emprego deve permitir:

- 1.º) Impor sua vontade a do inimigo, em condições de tempo e de espaço, as mais favoráveis;
- 2.º) Conservar sua liberdade de ação.
- 3.º) Ser mais forte no ponto e no momento desejado, por uma conveniente articulação dos meios mediante a economia de forças.

Os nossos atuais regulamentos prescrevem aliás que “a aplicação judiciosa destes 3 princípios constitui, na essência, a manobra: combinação do fogo e do movimento”.

Os métodos e processos de execução dessa manobra, todavia, evoluem com os meios em jogo, mas tendo em vista sempre — a combinação de esforços em direções convenientes sobre que devem atuar associados e solidariamente todos os efeitos do fogo para materializar a superioridade dos meios”. O comentador moderno, Cmt. Mikshe, acrescenta “Sómente depois de conseguida a superioridade do fogo para dominar os efeitos da ação do inimigo, é possível o movimento”.

Princípios regulamentares vigentes!

O caráter novo da manobra, no entanto, está em se

possível assegurar essa superioridade de fogo durante toda a ação. Mercê do emprego do motor e da radioeletricidade, o fator velocidade assumiu nas batalhas modernas um caráter imperativo e ampliou as possibilidades dos meios, mas, por isso mesmo, reclama a assistência permanente do técnico nos campos de luta em inteira concordância com o tático com o que tem sido possível assegurar o progresso sempre crescente da motomecanização e da aeronáutica. Suas possibilidades atuais já permitem dar à potencia de fogo sua mais ampla acepção.

Para conseguí-lo, o próprio autor de "Guerra Relampago" nos ensina que "o poder do fogo deverá ser considerado como a força condutora da manobra e de que depende o movimento".

O modo, porém, de conseguir essa superioridade de fogo com os recursos da técnica moderna, proporcionando melhor rápidos e de grande poder de destruição, é que variam, (não é novidade) no sentido de assegurar, com a exploração da velocidade, a surpresa na reunião dos meios necessários para dominar os do adversário. O segredo dos êxitos militares nos combates de hoje consiste essencialmente na combinação estreita entre as diferentes armas para que os efeitos do fogo assumam sua plenitude. Chegamos assim à execução, isto é, aos processos de combate mais adequados. Ai sim ha que aprender porque não nos exercitamos neles.

Na 1.^a guerra mundial, a superioridade do fogo no ataque era caracterizada pela massa de artilharia que devia destruir o campo em que devia realizar-se a progressão. Mas uma dificuldade, própria dos meios, restringia a velocidade porque toda essa A.. não podia rapidamente seguir atrás da Infantaria que progredia a qual a sua vez, era obrigda a transportar, a braço, suas armas de apoio através o terreno revolvido.

Eis que, surgem os tanques, como novidade para auxiliar da Infantaria. Aconteceu no ano de 1917 nas batalhas do Aisne, Malmaison e Cambrai e Ebro, em que a metralhadora pesada desempenhava com êxito seu papel na defesa.

Os ingleses em 1918 foram os primeiros idealizadores do emprego desses engenhos em ações longínquas e visando a exploração, mas lhe faltavam o oportuno apoio e os meios rápidos de infantaria para assegurar a posse do terreno.

A motomecanização e da aeronáutica vieram proporcionar êsses meios necessários de que a Revolução espanhola

serviu como verdadeiro laboratório de pesquisas para experimentação dos processos de emprego combinado particularmente pelos alemães e russos.

- **Surpresa** —
- a) a **estratégica** é obtida principalmente pela concentração e pelo movimento tendo em vista que a ação do atacante se exerça em determinada frente e com força muito superior à da defesa.
 - b) a **tática** resulta normalmente da surpresa técnica e do emprego mais conveniente das armas novas.
 - c) a **técnica** resulta do emprego, na batalha, de armas ou meios de movimento até então desconhecidos.

— **Velocidade** — é o complemento indispensável da surpresa que proporciona apenas um êxito temporário. A velocidade permite que êle seja explorado durante toda a ação de modo a impedir que o inimigo possa reagrupar seus meios e tomar novos dispositivos de combate. A velocidade, no entanto, depende em grande parte do plano preliminar. “Êsse plano, prevendo todos os pormenores, deve ser estudado para além da preparação da ação e deve incluir a organização das forças que devam cooperar eficientemente e juntas conforme os planos preparados e coordenados no tempo e no espaço”. (Planos de manobra).

Para que isso seja possível duas necessidades se apresentam: a organização adequada a êsse emprego previsto e a preparação para a guerra que assume um caráter generalizado e multiforme na guerra total.

Aqui está, a nosso modo de ver, todo o segredo dos desastres militares de nossos tempos porque de ordinário o que falta é antes uma mentalidade e uma compreensão das realidades da guerra para que ela seja total, do que uma questão de doutrina.

Êsses comentários nos ocorreram com a leitura do interessante e bem elaborado livro do Cmt. Miksche — A Guerra relampago — e pelos écos que tem encontrado nos nossos camaradas menos advertidos, talvez num sentido que êle não desejaria que fosse tomado.

De fato, é o próprio Miksche quem assevera: “Ê verdade que a superioridade material dos alemães desempe-

nhou uma parte importante nas campanhas da Holanda, Belgica, e França; como também é certo que se não fosse essa superioridade material a perfeição de sua tática não seria suficiente para assegurar êxitos tão completos e velozes. O erro principal dos francêses consistiu em que durante muitos anos se enganaram na apreciação das possibilidades táticas do material moderno e além disso, descuraram, o que é mais importante do que todas as organizações e treinos táticos, as qualidades do combatente na luta, o moral das unidades e dos indivíduos que tomam parte nesta espécie de batalha. Hoje, como na época de Napoleão, o moral é decisivo. Nós estamos numa época em que sómente os Exércitos inspirados por uma ideologia podem combater bem”.

Efetivamente, essa grande verdade acaba de ser demonstrada de modo eloquente pelos Exércitos das Democracias contra os “fenômenos” nazistas, em todos os teatros de operações da 2.^a guerra mundial.

E para corroborar nossa afirmativa, ele próprio comenta — “evidentemente que a desmoralização das tropas francêsas foi também um fator predominante na sua recente derrota; mas esta foi em grande parte devida ao sentido instintivo de que uma idéia geral perfeita da guerra moderna que era justamente o que mais faltava no seu Exército”.

Eis a magnífica advertência para aqueles que ainda conjecturam diante de uma situação de fato e tão cheia de realismo!

Meditemos nestas palavras e retiremos delas sem perda de tempo tudo que possa ser útil a nosso esforço e ardor patriótico nesse embate de gigantes.

Estou certo de que não nos faltam as credenciais de bravura e capacidade militar para enriquecer com nossos êxitos o acervo magnífico de exemplos convincentes que nossos bravos e valorosos aliados têm demonstrado, e esperam do Exército de Caxias.

Perseveremos nesse propósito e teremos (com licença dos radiotesistas) a varinha mágica da “invencibilidade” ariana.

O que é preciso, no entanto, é antes de conjecturar, agir, mas agir com decisão e energia empregando toda nossa atividade, vontade, inteligência, boa vontade e cooperação sem outras considerações que não sejam a de aproveitar a experiência de nossos irmãos americanos no sentido de educar a vontade e adquirir a mentalidade de guerra tão necessária para a Vitória.